



Nota Técnica

Perspectivas quanto ao emprego e à empregabilidade do setor farmacêutico brasileiro

Marcus Vinicius de Andrade*

Administrador de Empresas, Especialista em Marketing - Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICQT), Goiás, Brasil. *Autor Correspondente: diretoria@ictq.com.br

De acordo com os números divulgados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)¹, do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a perda de empregos formais em dezembro de 2016 foi a menor para o mês desde dezembro de 2013. A perspectiva é de que os números experimentem alguma melhora em 2017, mas ainda não há o que comemorar, já que no acumulado do último ano foi extinto mais de 1,3 milhão de postos de trabalho no Brasil, diminuindo o estoque de vagas formais em 3,33%. Isso deverá esbarrar no volume de contratações para este ano.

O relatório do Caged informou também que o salário médio de admissão em 2016 caiu 1,09% em relação ao ano anterior, chegando a R\$ 1.374,12 em 2016 (contra R\$ 1.389,19 em 2015). Voltando os olhos para a expectativa de melhoras em 2017, importante destacar um indicador da Fundação Getulio Vargas (FGV) que mostra um otimismo entre os empresários e seus reflexos nas contratações futuras. O Indicador Antecedente de Emprego (Iaemp)² é uma pesquisa que mede, em pontos, a tendência de contratação no País. O Iaemp cresceu 5,6 pontos em janeiro de 2017, atingindo 95,6 pontos – maior nível desde maio de 2010 (98,7). O mês também apresentou recuperação em relação a dezembro de 2016, quando houve recuo de 3,1 pontos.

Não obstante esses números mostrarem a realidade brasileira, eles apenas resvalam no setor farmacêutico, que continua a apresentar performance superior à média da economia brasileira. “Apesar das dificuldades dos

últimos anos, os profissionais do segmento farmacêutico estão na hora, no País e no setor certo para aproveitar as grandes oportunidades que devem aparecer ao longo dos próximos anos”, declarou ao Anuário do Mercado Farmacêutico 360° 2017 do ICTQ³, Ricardo Amorim – autor do bestseller *Depois da Tempestade*.

O fato é que o varejo farmacêutico brasileiro cresceu 13,1% em 2016, passando de R\$ 75,49 bilhões para R\$ 85,35 bilhões, segundo levantamento realizado pela Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma)⁴, com dados da IMS Health. Os mesmos índices foram verificados para medicamentos que requerem prescrição médica (mercado ético) e os demais produtos (medicamentos populares). Os genéricos tiveram crescimento ligeiramente maior: 14,7%. Importante dizer que eles representam 26,6% do mercado.

Os dez principais grupos farmacêuticos faturaram, juntos, R\$ 48,59 bilhões em 2016, correspondendo a 56,9% do mercado varejista. Já a indústria faturou cerca de R\$ 50 bilhões (*Pharmacy Purchase Price*) em 2016, com crescimento de 12,6% sobre ano anterior, segundo dados da Diretoria de Mercados e Assuntos Jurídicos do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas (Sindusfarma)⁵, baseado nos números da IMS Health. Com os negócios da indústria e do varejo farmacêuticos pujantes - contradizendo todas as análises econômicas de crise emitidas para os demais setores da economia - já era esperado que a oferta de

empregos do setor estivesse bem acima do mercado.

Essa é uma boa notícia, que precede uma má notícia: faltam farmacêuticos para atender à demanda do mercado, especialmente no varejo, ou seja, nas farmácias e drogarias nacionais. Pesquisa realizada pelo ICTQ em 2013, intitulada Censo Demográfico Farmacêutico⁶, descobriu que há 176.963 mil farmacêuticos registrados nos conselhos regionais de farmácia nos 26 Estados e no Distrito Federal. Os cinco Estados com maior número de farmacêuticos são: São Paulo (50.975), Minas Gerais (20.796), Paraná (14.469), Rio de Janeiro (13.925) e Rio Grande do Sul (12.081).

Com base no censo do IBGE da época, o Censo farmacêutico do ICTQ determinou que o Brasil possui 1,76 farmacêuticos para cada 2 mil habitantes. De acordo com a Pesquisa Demografia Médica no Brasil, realizada pelo Conselho Federal de Farmácia (CFM), há, em média, 2 médicos para cada 2 mil habitantes. Além de haver mais médicos para atendimento, 29% dos farmacêuticos não atuam diretamente junto à população brasileira em atendimentos de saúde - o que reduz ainda mais o número de farmacêutico à disposição direta da sociedade. O País tem 97.031 estabelecimentos registrados em conselhos regionais, sendo que destes, 76.483 são drogarias e farmácias. A Lei 13.021/14 obriga a presença permanente do farmacêutico em farmácias de qualquer natureza no Brasil.

Mesmo assim, o Censo Farmacêutico concluiu que 34% das farmácias, aproximadamente 26.613 estabelecimentos, em

um determinado momento do dia ou da semana, podem funcionar sem a presença de um farmacêutico. Destas, 4.852 farmácias e drogarias no Brasil funcionam com a ausência total de um farmacêutico técnico responsável. No outro extremo, há também o segmento industrial que contrata farmacêuticos. Os maiores polos industriais com oportunidades para esses profissionais no Brasil estão nos Estados de São Paulo (731 indústrias), Rio de Janeiro (154 indústrias), Goiás (99 indústrias), Pernambuco (72 indústrias) e Minas Gerais (71 indústrias).

Já está claro que faltam profissionais farmacêuticos para atender à demanda. Isso esgota a questão do emprego e sugere que o País deva investir na formação de farmacêuticos, principalmente para atuar diretamente no atendimento ao cidadão, o que desafogaria os sistemas de saúde e ofereceria um atendimento mais próximo e seguro.

Agora, resta entender a questão da empregabilidade desses profissionais. Empregabilidade consiste na quantidade e na qualidade dos conhecimentos (técnicos e comportamentais) apresentados pelos profissionais, e que são essenciais ao universo em que atuam. São premissas que o profissional deve ter para se adequar às demandas daquele mercado específico. A empregabilidade é uma qualidade essencial para qualquer pessoa que deseja ser competitiva no seu mercado de trabalho.

José Augusto Minarelli, presidente da Lens & Minarelli⁷, consultoria especializada em Outplacement e aconselhamento de carreira diz:

“Ter segurança profissional, hoje, é mais do que ter um emprego e um salário. É ter a possibilidade, a condição de conseguir trabalho e remuneração, independentemente da idade e de estar ou não empregado. É o que chamamos de empregabilidade, e que resulta da capacidade de prestação de serviço e obtenção de trabalho. Cultivar a empregabilidade é manter a posição de ser contratável por ser um provedor de soluções para as atuais demandas do mercado de trabalho. Essa é a grande transformação que garante uma carreira sustentável”.

Por esta perspectiva, pode-se acreditar que, no mercado farmacêutico, há falta de oportunidades de trabalho? Pelos estudos analisados anteriormente, isso não é verdade. O que ocorre nesse segmento é que muitos farmacêuticos não se preparam e não se capacitam para preencher adequadamente as vagas disponíveis. Eles precisam melhorar seu nível de empregabilidade, ou seja, otimizar

conhecimentos técnicos e comportamentais que os torne imprescindíveis, independente da força de lei que garanta sua presença nos estabelecimentos, sejam farmácias, drogarias, clínicas ou indústrias.

Além disso, há um descontentamento da categoria em termos financeiros que tem feito muito abandonarem a carreira. Os farmacêuticos, principalmente os do varejo,

Andrade, 2017

reclamam do valor do piso salarial ao qual eles se submetem, mas a questão é: por que eles se submetem? Porque não se qualificaram e não melhoraram sua qualidade profissional. Portanto, acreditam que não têm direito a exigir melhores salários.

Apesar de faltar qualificação, o mercado absorve qualquer farmacêutico, apto ou não, porque a demanda é muito maior que o número de profissionais, principalmente no interior e na Região Nordeste. A proteção por lei que garante o emprego ao farmacêutico coloca esses profissionais em uma zona de conforto, que não os impulsiona na direção da busca por competências específicas em cada segmento, que podem ser:

- **No varejo** – conhecimento técnico sobre medicamentos, boa comunicação e relação interpessoal, capacidade de vendas, competência em serviços clínicos etc.

- **Na indústria** - habilidade em gestão da qualidade e assuntos regulatórios, entre outros.

- **Em consultoria** - ampla expertise na área que atua (varejo ou indústria). Isso depende de extensa experiência prática no mercado.

- **No meio acadêmico** - ter mestrado, doutorado e aptidão em pesquisa.

Leonardo Doro Pires, em seu livro *Gestão Estratégica para Farmacêuticos*⁸, diz:

“É inegável que estamos vivendo uma nova realidade profissional – acreditamos que, neste novo contexto, o farmacêutico precisa incluir, no seu leque de habilidades, os conhecimentos administrativos, pois aquele terá atribuições na gestão de pessoas e processos e será, muitas vezes, o tomador de decisão, responsável por pautas estratégicas dentro do ambiente profissional em que se encontra”⁸”.

Torna-se necessário um programa de incentivo à formação farmacêutica no Brasil com mais qualidade no âmbito da graduação. Quando dez farmacêuticos tiverem de disputar uma vaga bem remunerada no varejo, eles certamente, irão parar de questionar o valor do piso salarial e irão buscar uma alternativa para se diferenciar, provavelmente se especializando e se qualificando em uma pós-graduação. Isso garantirá sua empregabilidade e seu nível salarial. Naquele momento, esses profissionais irão entender que emprego e ganho financeiro são definidos pelo mercado, que acaba selecionando os melhores.

Assim, conclui-se que o maior desafio do farmacêutico não está na questão do emprego em si, já que a demanda é maior que a oferta no mercado. O desafio está em melhorar sua empregabilidade por meio de qualificação, o que iria valorizá-lo e o impeliria a encontrar a vaga que realize os seus objetivos de carreira, principalmente no aspecto financeiro.

Referências

1. Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) [homepage na internet], do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). [Acessado em 02/02/2017]. Disponível em <http://trabalho.gov.br/trabalhador-caged>
2. Fundação Getulio Vargas (FGV) [homepage na internet]. Indicador Antecedente de Emprego (Iaemp). [Acesso em 02/02/2017]. Disponível em <http://portal.fgv.br>
3. ICTQ – Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação para o Mercado Farmacêutico. Anuário do Mercado Farmacêutico 360º. 2017.
4. Gedankien D. [mensagem pessoal]. Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa (Interfarma). Mensagem recebida por eglelonardi@uol.com.br em 7 fevereiro 2017.
5. Folli B [mensagem pessoal]. Diretoria de Mercados e Assuntos Jurídicos do Sindicato das Indústrias Farmacêuticas (Sindusfarma). Mensagem recebido por egleleonardi@uol.com.br em 7 fevereiro 2017.

Andrade, 2017

6. ICTQ. Censo Demográfico Farmacêutico. Anápolis (GO): 2013.
7. Minarelli J.A. Revista do Farmacêutico fevereiro/março de 2013 [homepage na internet]. Empregabilidade [acesso em 02 fev 2017]. Disponível em http://www.lensminarelli.com.br/site/wp-content/uploads/pdf/2900-20141127161157-18abr13_revistadofarmaceutico_m_empregabilidade.pdf
8. Pires L. D. Gestão Estratégica para Farmacêuticos. São Paulo: Editora Contento; 2015.